

Um Professor de Paleontologia: Ignacio Brito (1938-2001)

Diogenes de Almeida Campos
Museu de Ciências da Terra - DNPM

Ignacio Aureliano Machado Brito, nascido no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1938, filho de Gratuliano da Costa Brito e de Adelaide Machado Brito, realizou seus estudos de nível médio no Colégio Mallet Soares, tendo concluído os mesmos em 1956. Suas atividades profissionais foram desenvolvidas primeiramente como jornalista, de 1958 a 1960, como repórter auxiliar da *Revista da semana* e do *Eu sei tudo*, além de lecionar em cursos de pré-vestibular.

Concluiu o bacharelado e a licenciatura em história natural pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, em 1960, e logo ingressou na Petrobrás, fazendo, em Salvador, o curso do CENAP e obtendo o diploma de geólogo de petróleo, fornecido pela Universidade Federal da Bahia, em 1962. Apesar dos trabalhos de rotina do laboratório de Paleontologia da Petrobrás, dedicou-se ao estudo dos microfósseis do Paleozóico brasileiro.

Paralelamente a suas atividades como paleontólogo da Petrobrás, ministrou aulas de Paleontologia e Geologia Histórica na Escola de Geologia da Universidade Federal da Bahia, de 1962 a 1965. Deixou a Petrobrás, em 1965, e foi, como bolsista da CAPES, para a Stanford University, na Califórnia, onde defendeu tese intitulada *Os Acritarcha e sua utilização na estratigrafia siluriana e devoniana do Brasil*, obtendo o título de *Master of Sciences*, em 1966.

De volta ao Brasil, foi, em janeiro de 1966, para o Rio de Janeiro, a convite de Paulo Erichsen de Oliveira (-1969), passando a conciliar sua pesquisa com os amonitas da seção de Paleontologia do DNPM e suas aulas no Instituto de Geociências da UFRJ, ainda no largo de São Francisco.

Logo deixaria o DNPM, em 1968, passando a dedicar-se às atividades de ensino, pesquisa e administração do Instituto de Geociências até sua aposentadoria.

Nessa fase de sua vida, além de suas pesquisas (nesta altura já com novos interesses, os equinóides do Cretáceo), foi professor de geologia histórica e de Paleontologia e teve importante papel na implantação e no desenvolvimento da pós-graduação do setor de Paleontologia e Estratigrafia da UFRJ, além de ter orientado grande número de trabalhos de mestrado e doutorado. Foi aprovado em concurso, realizado em novembro de 1977, para professor titular do Instituto de Geociências da UFRJ, defendendo a tese *Os equinóides fósseis do Brasil*. Por sua dedicada atividade, pode, mesmo, ser considerado como a mola propulsora da pós-graduação naquele Instituto. Ocupou cargos de direção e chefia na UFRJ, tais como o de Diretor do Instituto de Geociências, por dois períodos, de Coordenador dos Cursos de Pós-Graduação, Diretor-Adjunto e Chefe de Departamento, em várias oportunidades.

Pesquisador I-A do CNPq, desde 1968, foi eleito membro associado da Academia Brasileira de Ciências, em 1972. Pertencia, também, à Sociedade Brasileira de Geologia e à Sociedade Brasileira de Paleontologia. Participou de diversos eventos nacionais e internacionais sobre assuntos relacionados a suas pesquisas. Foi, também, o contacto brasileiro da Subcomissão do Cretáceo da Comissão Internacional de Estratigrafia.

Como professor-visitante, ministrou aulas na Universidade Federal do Ceará, na Universidade Federal de Mato Grosso e na Universidade Federal da Paraíba, além de muitas outras instituições de ensino, não somente no Rio de Janeiro.

Ao se aposentar na UFRJ, passou a morar em Araguari, no Triângulo Mineiro, onde veio a falecer em setembro de 2001, embora continuasse a orientar dissertações e teses e a publicar trabalhos. A Comissão Organizadora do XIV Congresso Brasileiro de Paleontologia, em 1995, prestou-lhe singela homenagem, convidando-o para plantar um exemplar de *Ginkgo biloba* nos jardins do Centro de Pesquisas Paleontológicas Llewellyn Ivor Price, em Peirópolis, município de Uberaba, onde foi realizado o Congresso.

Publicou mais de cem trabalhos, abrangendo invertebrados do Cretáceo e do Cenozóico, microfósseis do Devoniano e Estratigrafia das bacias sedimentares brasileiras; estudou, também, os equinóides recentes da costa brasileira. Seu estilo ágil e direto, fruto de sua experiência como jornalista, entre 1958 a 1960, tornava seus trabalhos de grande aceitação entre os estudantes de Geologia e Paleontologia.

Homem de temperamento afável, sabia, no entanto, ser incisivo quando necessário. Foi um professor que sempre será lembrado por seus discípulos e colegas como um entusiasta pela Paleontologia e um divulgador nato da ciência. Em 2001, no ano de seu falecimento, a sessão organizada pela Sociedade Brasileira de Paleontologia que, tradicionalmente, realiza-se na Academia Brasileira de Ciência foi realizada em sua homenagem. Casou-se duas vezes, tendo de seu primeiro casamento três filhos, Paulo, André e Pedro. E com Lisete Fernandes Moraes Brito, sua segunda esposa, sobreviveram-lhe Fernando e Ana.